

Práticas docentes no ensino musical: Oficina de Bandas Rítmicas e Produção de Material Didático em Educação

Marcos Vinícius Ferreira da Silva¹

UFRR

marcosvinicius.silva@ufr.br

Rosângela Duarte

UFRR

rosangela.duarte@ufr.br

Comunicação

Resumo: Considerando o ensino musical na rede da educação básica e a atual conjectura no ensino superior, apresentamos algumas experiências da prática docente da Oficina de Bandas Rítmicas, que mesclou a sonoridade de instrumentos convencionais com outros produzidos pelos discentes, com um custo viável para a aplicação do ensino musical à crianças, jovens e adolescentes. Apresentamos os resultados da disciplina Produção de Material Didático em Educação I e II, que culminou com a criação do Projeto Sons de Makunaima, que abarcou desde a confecção de instrumentos com materiais alternativos, a partir do que é considerado sucata ou lixo, e uma proposta interdisciplinar com o curso de Artes Visuais e a disciplina Canto ofertada pelo curso de música da UFRR. Após a lei 11.769/2008 que instituiu o ensino de música às escolas da rede da educação básica, apontamos a proposta da utilização de aparatos tecnológicos como ferramenta educacional, cujo objetivo foi oportunizar a inclusão de discentes sem conhecimento musical prévio que não tenham prática com a linguagem musical tradicional. Concluímos ilustrando o resultado desse trabalho, mostrando o êxito da utilização dessa experiência, como rota alternativa de aprendizagem, sendo uma alternativa ao ensino musical coletivo.

Palavras chave: educação musical. materiais alternativos. interdisciplinaridade.

1 Introdução

Amparado na prerrogativa da lei 11.769/2008 que determina a presença do ensino de música nas escolas da educação básica, a necessidade de formar educadores musicais para atuarem na rede de ensino e qualificar aqueles que já trabalham com o ensino de música em

¹ Mestrando pelo PPGL/UFRR, sob orientação da prof.^a dr.^a Leila Adriana Baptaglin.

Roraima, surgiu o curso de música na UFRR, contemplando um anseio da sociedade roraimense. Considera-se como uma das missões do curso de música, a seguinte premissa proposta no Projeto Pedagógico do Curso:

É nesse contexto que o curso de graduação em Música-Licenciatura da UFRR vem desempenhar a função de propiciar um espaço educativo no ensino superior para desenvolver competências na área da música, visando uma formação integral do futuro músico profissional e educador musical favorecendo o ensino, a pesquisa e a extensão, como disposto nesta proposta pedagógica. Além disso, é função da Universidade promover a formação de profissionais da área, uma vez que o ensino de música tornou-se obrigatório a partir da promulgação da Lei nº 11.769/08 (PPC 2015, p. 7).

Ainda assim, nos questionamos se o perfil do egresso do curso em licenciatura em música contemplaria as necessidades explicitadas na lei elencada acima. O curso deverá focar o performer, o intérprete, o educador musical? Ou cada um desses perfis? O que pensam estudiosos que deparam com tal situação?

Difícilmente encontra-se uma escola que dedique parte do tempo curricular ao ensino da música voltado à prática instrumental. Quem absorve essa demanda em nosso país são as escolas voltadas para esse fim e ainda os remanescentes conservatórios. A formação do profissional que atua nesse segmento é bastante variada: a) egressos de cursos de licenciatura em música, com base musicopedagógica; b) oriundos de cursos de bacharelado em música, com treinamento a performance; c) músicos sem educação formal com carreiras bem-sucedidas ou não (KEBACH, 2013, p. 5).

Para compreender melhor a missão de um curso de música no âmbito universitário com a realidade a ser encontrada pelos novos professores oriundos das academias, Jusamara Souza (2012) organizou no livro *Música na Escola, algumas ações para implementação da lei 11.769/08 na Rede de Ensino de Gramado, RS*, em que apresenta experiências que foram positivas nas escolas gaúchas, bem como em seu outro livro, *Aprender e Ensinar Música no Cotidiano* (2012), sendo elucidadas outras abordagens musicais, ou seja, outras formas de ensinar música, pois a lei 11.769/2008 não faz referência que devemos focar como pensam alguns sujeitos, somente nos indivíduos que trazem qualidades artísticas inatas, criando assim

nas escolas novos “Beethovens ou Chiquinhas Gonzagas”, entre outros célebres gênios musicais.

O pesquisador Roque Laraia adverte em *Cultura: um conceito antropológico* que:

O homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo cumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquirida pelas numerosas gerações que o antecederam. [...] Estas não são, pois, o produto da ação isolada de um gênio, mas o resultado do esforço de toda uma comunidade. [...] Se tivesse nascido no Congo ao invés de uma Saxônia, não poderia Bach ter composto nem mesmo um fragmento de coral ou sonata, se bem que possamos confiar igualmente em que ele teria eclipsado os seus compatriotas em alguma espécie de música (LARAIA, 2001, p. 44-45).

Desse modo, conforme o autor, devemos trazer mais educação e cultura à nossa juventude, que é a sociedade que se forma nas escolas e que infelizmente está perdendo esse processo cumulativo de valores, conhecimentos, dentre outras definições. O educador deverá inseri-los no processo, não devendo afastá-los ou discriminá-los, pois:

Em outras palavras, não basta a natureza criar indivíduos altamente inteligentes, isto ela o faz com frequência, mas é necessário que coloque ao alcance desses indivíduos o material que lhes permita exercer a sua criatividade de uma maneira revolucionária (LARAIA, 2001, p. 45).

Jusamara et. al. (2012, p. 39) afirmam no capítulo “Música, Juventude e Mídia: O que os jovens pensam e fazem com as músicas que consomem”, como o educador poderá aproveitar a tecnologia e os aparatos tecnológicos, pois uma música midiática poderá aguçar o interesse na “pluralidade de estilos musicais” e conseqüentemente o despertar para a música ora de concerto, programática e histórica. “Tal crítica da mídia não se constrói a partir de um olhar tudo isso é porcaria, vamos ouvir e tocar uma música boa” (SOUZA, 2012, p. 275).

PENNA, afirma que:

[os docentes] Precisam ser capazes de construir e implementar propostas pedagógicas e metodológicas adequadas para esse contexto educacional, aprofundando, cada vez mais, o compromisso da educação musical com a educação básica (PENNA, 2007, p. 6).

É importante lembrar, que a educação básica “não é um espaço de especialização ou profissionalização em nenhuma das áreas de conhecimento” (DEL-BEN, 2009, p. 130), inclusive, em relação ao ensino de música. Porém, faz-se necessário formar professores cuja atuação pedagógico-musical seja efetiva no espaço escolar, valendo-se de “concepções atuais de educação, de educação musical, de música, de escola e de currículo (...) para proporcionarem aos seus alunos experiências musicais de maneira completa e significativa” (CERESER, 2004, p. 29).

A fim de que os alunos do Curso de Música da UFRR tenham experiências no espaço acadêmico, expomos algumas atividades, como a confecção de instrumentos musicais por meio de materiais alternativos, que foram utilizadas na Oficina de Bandas Rítmicas, apresentadas em 2015 na II Semana Acadêmica do Curso de Música da UFRR, que culminou com o projeto “Sons de Makunaima”.

2. Oficina de Bandas Rítmicas

Conforme informado e disponibilizado no site do curso sobre a programação da II Semana Acadêmica de Música (II SACM) em 2015, a oficina foi ofertada sem nenhum pré-requisito, independente do interessado ser diletante ou leigo, músico hobbista ou profissional, bem como professores de música ou diversas áreas. Partimos do princípio elencado no site da II Acadêmica de Música:

A Oficina abará atividades de orientação para professores/instrutores de música, iniciantes, práticos e/ou acadêmicos em música, que tenham conhecimentos elementares da leitura musical e de algum instrumento musical. Serão trabalhadas atividades para formação de grupos rítmicos nas escolas da Rede da Educação Básica, ou ainda em instituições que promovam projetos sociais, prezando pela inclusão sócio educacional por meio da música e cidadania (II SACM, 2015, s/p).

Observamos *in loco* a preocupação dos participantes em adquirir instrumentos musicais ou em dirimir essa urgência, conforme relatos, as escolas do ensino fundamental ou da rede da educação básica não possuem instrumentos musicais para todos, ou quando

possuem, encontram-se sucateados, desmotivando os interessados e impossibilitando o trabalho docente nas salas de aula.

Para o desenvolvimento da Oficina, utilizamos instrumentos de percussão cedidos pela Escola de Música de Roraima (EMURR), além daqueles que possuímos na Universidade. Realizamos uma parceria com a Banda da Base Aérea de Boa Vista (BABV), para exemplificar melhor a proposta da diferenciação de banda rítmica, banda marcial, banda musical, *big band* e fanfarra, dentre outras variações. Para ensinar os rudimentos elementares e técnicas práticas para leigos, convidamos um professor percussionista que leciona em uma escola particular em Boa Vista e outro professor de percussão da EMURR, prezando pela qualidade da Oficina, da inserção dos atores musicais boa-vistenses e acreditando na proposta interdisciplinar.

No primeiro momento, encontramos uma resistência de pessoas que se diziam inatas para a aprendizagem musical, pois pensavam que não iriam estudar a leitura musical, ou seja, a terrível “partidura” que é um trocadilho da dureza em aprender a leitura da partitura, corroborando com:

[...] o desinteresse e um mal-estar dos discentes, por já terem passado por situações de aprendizagem musical, e as formas de contato com a partitura. [...] vejo nos colegas que já tiveram música e hoje têm grande preconceito com relação a algumas aprendizagens, como a partitura, por exemplo. Se eu tivesse participado de outra metodologia de aprendizagem de música talvez os tivesse com o mesmo sentimento (KEBACH, 2008, p. 255).

Rompendo velhos paradigmas, apresentamos alguns aparatos tecnológicos que também funcionam nos celulares, como os *softwares* musicais GNU Solfège, o MuseScore e sites com jogos musicais, alguns sem a necessidade da instalação na máquina, pois:

(...) é urgente e necessário o trabalho com os *softwares*, (...), pois o aluno muita das vezes não possui um bom solfejo e treina as músicas não obedecendo a duração correta das figuras, criando vícios e minimizando o impacto do aprendizado musical (SILVA e RODRIGUES, 2011, p. 20).

Silva e Rodrigues (2011) afirmam acerca das diversas possibilidades em utilizar a tecnologia como mediadora dos estudos musicais, independente do grau de conhecimento,

pois os mesmos oferecem habilidades e compreensão perceptiva da notação musical. O francês Maurice Martenot desenvolveu os jogos Martenot, que contribuíram na forma do ensino musical, e seguindo o mesmo princípio, não é de hoje que educadores da primeira e segunda geração dos métodos ativos utilizaram jogos para aguçar o processo ensino aprendizagem.

Resolvido o temor da leitura rítmica, apresentamos as propostas de formações de bandas, demonstrando que é possível desenvolver atividades abarcando outras concepções de sonoridades por meio dos materiais alternativos ou sons alternativos. “Entende-se por ‘sons alternativos’ todo e qualquer som produzido ou propagado por objetos do cotidiano, pelo corpo e pela natureza, que ampliam as possibilidades de expressão musical para além dos sons de instrumentos musicais já existentes” (CHIQUETO E ARALDI, 2008, p. 4).

O que pode ser lixo para alguns, nós visualizamos como potenciais instrumentos musicais. Outro ponto importante foi nortear aos participantes da oficina alguns dos pressupostos do ensino de música, pois “a educação musical escolar não visa à formação do músico profissional. Objetiva, entre outras coisas, auxiliar crianças, adolescentes e jovens no processo de apropriação, transmissão e criação de práticas músico-culturais como parte da construção da cidadania” (HENTSCHKE E DEL BEN, 2003, p. 181).

Por meio de instrumentos tradicionais, como a caixa, pandeiro meia lua, ganzá, surdo, bumbo e triângulo, executamos células rítmicas ou grupos rítmicos que poderão ser utilizados nas bandas rítmicas. Ampliando o escopo, propomos desenvolver instrumentos alternativos nos moldes das “bandas de latas”². Apontamos diversas pessoas, grupos, entidades, organizações não governamentais (ONG’s) e artistas, que desenvolvem tais atividades como o Afro Reggae, Banda de Latas da Associação Curumim, Barbatuques, Hermeto Paschoal, Naná Vasconcelos, Stomp, dentre outros.

² Um exemplo às “banda de latas”, “os Cabinhas” são conhecido, no Cariri, como a bandinha de lata da Fundação Casa Grande, ONG cultural com sede em Nova Olinda (CE). Os instrumentos utilizados pelas crianças são confeccionados com materiais reciclados. Produtor musical do grupo e integrante da primeira formação da banda, Aécio Diniz conta que os pequenos músicos têm liberdade para criar instrumentos e produzir seu próprio som (BANCO DO NORDESTE, 2015, p. 1).

Por meio de instrumentos tradicionais e por se tratar de uma oficina heterogênea, trabalhamos com ritmos que poderão ser aplicados nas músicas folclóricas e/ou tradicionais, além de composições de artistas roraimenses e roraimados³.

O trabalho que foi desenvolvido na oficina abarcou as formações das fanfarras e as cadências utilizadas no desfile Pátrio, como os da Semana da Pátria, respeitando a formação das corporações militares e agregando instruções concernentes à ordem unida, que foram trabalhadas pelo 2º tenente músico Josemir Pereira do Vale, maestro da BABV.

Em virtude do pouco tempo para desenvolvimento de instrumentos musicais recicláveis na Oficina que durou cerca de 3 (três) dias, apresentaremos o trabalho dos discentes do curso de música da UFRR na disciplina Produção de Material Didático em Educação I e II, durante o período de 2015 a 2016.

3. Disciplina Produção de Material Didático em Educação I e II

A disciplina Produção de Material Didático em Educação I e II (PMDE I e II) foi ofertada durante 2015 e 2016 sem pré-requisito, contemplando qualquer discente à possibilidade da interdisciplinaridade na UFRR com outros cursos. A ementa da mesma explicita:

Pesquisa e produção de material didático, considerando a sustentabilidade e reciclagem de materiais. Possibilitar outras formas de concepções e práticas músico-pedagógicas na produção de materiais didáticos para o ensino de música. Fundamentos educacionais, éticos e políticos na produção de materiais didáticos. Diversidade e pluralidade cultural na produção de materiais didáticos. Articulação de propostas de composição, execução e apreciação musical. Criatividade e autonomia na formação de educadores musicais. Elaboração de projeto de material didático (PPC 2015, p. 47).

Foram postados no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), diversos vídeos para aguçar a criatividade para a confecção de instrumentos com materiais alternativos, além da utilização das referências proposta no curso. Enquanto os discentes selecionavam a “matéria-

³ Consideramos roraimados as pessoas que nasceram em outros Estados e residem atualmente em Roraima.

prima” para produzir o material pedagógico proposto na disciplina, incluímos no repertório alguns sambas, tendo em vista que 2016 é considerado o centenário do Samba⁴.

No decorrer da disciplina, houve a necessidade de melhorar o visual dos instrumentos e convidamos para agregar conosco uma professora do curso de Artes Visuais, que trabalhou de forma interdisciplinar a questão da estética visual. E para a interpretação das obras, convidamos um professor do curso de música que propôs realizar as apresentações com os discentes da disciplina Canto, do Curso de Música. Podemos afirmar que os resultados foram excelentes, principalmente após o trabalho coletivo de forma multidisciplinar, proporcionando interações entre os cursos, atendendo as demandas entre as disciplinas e proporcionando colaboração entre os discentes das três disciplinas envolvidas.

FIGURA 1 – Instrumentos após a parceria com as Artes Visuais.



Fonte: Acervo do curso de música (2016).

Os primeiros resultados do trabalho foram apresentados no “Simpósio: alunos com deficiência e a evasão Universitária”, realizado em junho de 2016 no Auditório Alexandre Borges da UFRR, e no mês de julho no “INTERCOM 2016”⁵, segundo o organizador do evento,

⁴ A canção 'Pelo Telefone', gravada em 1916 pelo compositor Donga, (é o) marco histórico desse gênero musical (JORNAL DO BRASIL, 2016, p. 1).

⁵ Apresentação disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-eENyqQEK>>

Vilso Santi “o maior evento de comunicação da região Norte”, conforme publicado na Folha de Boa Vista (2016).

Um trabalho de confecção de instrumentos com material reciclável pode ter início com o reconhecimento dos sons e suas nuances, depois com o reconhecimento dos instrumentos e a confecção dos mesmos. Os alunos deverão confeccionar os instrumentos sonoros com os materiais arrecadados e escolhidos por eles (CHIQUETO E ARALDI, 2008, p. 49).

Elencamos abaixo os instrumentos confeccionados pelos discentes que foram utilizados nas performances, utilizando praticamente os materiais que estavam descartados nas obras de ampliação da UFRR:

Trombone confeccionado com canos de PVC e garrafa PET; Flauta de PVC; Pandeiro montado com lata de goiabada e os guizos com tampas de bebidas; Ganzás com a junção de latas de refrigerante e inclusão de pedras e arroz; Claves com madeiras; Agogô a partir de uma lata de chocolate; Surdinho aproveitando uma lata de vedação para paredes; Queixada juntando peças e molas (UFRR, 2016, s/p).

FIGURA 2 – Instrumentos após a parceria com as Artes Visuais.



Fonte: Acervo do curso de música (2016).

Criamos outros instrumentos além dos elencados acima, e as performances foram além da expectativa docente em desenvolver a oferta da disciplina, surgindo assim o Projeto

Sons de Makunaima⁶, que é alusivo ao mito indígena Makunaima, que foi inspirador da obra literária Macunaíma, lançada em 1928 por Mario de Andrade.

O mito do Makunaima e a formação do Monte Roraima - com cerca de 2 bilhões de anos e na fronteira do Brasil com a Venezuela e a Guiana Francesa. Para os macuxis, Makunaima é filho de uma rara noite de encontro do sol e da lua. Da luz do eclipse, refletida nas águas do grande e misterioso lago, nasce o deus Makunaima (ROCHA, 2007, p. 1).

Procuramos incluir no repertório músicas alusivas aos compositores de Roraima, que criaram um movimento cultural a partir de 1984, o Roraimeira. No decorrer do projeto, pretendemos desenvolver atividades em consonância com os Projetos de extensão Polo Arte e o Grupo de Pesquisa Musicologia na Amazônia, no decorrer de 2016, aproveitando o centenário do samba e os trabalhos que já vem sendo realizado.

FIGURA 3 – Apresentação no INTERCOM 2016.



Fonte: Acervo do curso de música (2016).

4. Considerações

Acreditamos que ações trabalhadas na II Semana Acadêmica do Curso de Música, bem como as atividades propostas na disciplina PMDE I e II, direciona a possibilidade da utilização de rotas alternativas de aprendizagens, agregando possibilidades da interdisciplinaridade nas

⁶Para algumas etnias indígenas, Makunaima foi (ou é) “um deus ou um guerreiro, mais próximo da representação humana” (ROCHA, 2007, p. 1). A presença desses elementos na cultura roraimeira inspirou os discentes a associar os instrumentos com materiais alternativos, que remete a força da natureza que oferece “*in natura*” materiais para a confecção dos instrumentos, com a inteligência do *homo sapiens*, que manipula a natureza, moldando o meio ambiente, conforme seu bel prazer.

escolas da rede da educação básica de ensino. O exposto da nossa investigação não é explanar que o ensino mediado pelos aparatos seja superior aos métodos tradicionais, mas considera-lo como uma “rota alternativa” ao ensino musical, que poderá despertar os sujeitos à prática do fazer musical.

A utilização de rotas alternativas de aprendizagem pode possibilitar que conteúdos sejam concretizados e vivenciados de modo multifocal. Pela mobilização interrelacionada das Inteligências, obtém-se estratégias de ensino que articulem recursos oferecidos por cada uma delas. Acreditamos que essa estratégia pode demonstrar-se eficaz no ambiente de aprendizagem musical, (...) cujo processo de ensino-aprendizagem evidencia a Inteligência Musical como seu constructo principal. Portanto, as rotas alternativas são estratégias de cunho pedagógico, com vistas a articular, combinar e dinamizar as IM (TARSO e MORAIS, 2011, p. 358).

Acreditamos que ao elaborarem os métodos ativos, os pensadores e idealizadores, procuraram oferecer alternativas ao ensino tradicional e perceberam que é possível fazer música sem ser tradicional, e que o ensino musical poderá ser prazeroso, sendo possível “ensinar música musicalmente” concordando com Keith Swanwick (2009).

Sabemos que a aquisição de instrumentos musicais tradicionais às escolas da rede básica poderá ser um gargalo, inviabilizando ações como o ensino de determinados instrumentos, além do espaço não apropriado à prática do fazer musical. A proposta da utilização dos materiais alternativos contemplará tanto crianças, jovens e adultos, demonstrado por meio do curso da UFRR, que é possível aplicar tais rotas de aprendizagem, sem ignorar o modelo tradicional de ensino.

Pensando na sustentabilidade, inclusão social, interdisciplinaridade e o ensino musical nas escolas da rede básica de ensino, expomos uma experiência promissora, que vem ao encontro da lei 11.769/2008 que incluiu a presença do ensino de música nas escolas rede da educação básica.

Referências

BANCO DO NORDESTE. **Banda de lata infantil, Os Cabinha se apresenta no CCBNB-Fortaleza.** Disponível em <http://www.bnb.gov.br/noticias/-/asset_publisher/x8xtPijhdmFZ/content/banda-de-lata-infantil-

os-cabinha-se-apresenta-no-ccbnb-fortaleza/50120?inheritRedirect=false> Acesso em 28 de julho de 2016.

BRASIL, Jornal do. **UERJ comemora o Centenário do Samba.** Disponível em <<http://www.jb.com.br/cultura/noticias/2016/03/02/uerj-comemora-o-centenario-do-samba/>> Acesso em 28 de julho de 2016.

CERESER, Cristina Mie Ito. A formação inicial de professores de música sob a perspectiva dos licenciados: o espaço escolar. In: **Revista da ABEM.** Porto Alegre, v. 11, p. 27-36, set. 2004.

CHIQUETO, Marcia Rosane; ARALDI, Juciane. **Sons Alternativos na Educação Musical Escolar: Proposta Pedagógica para o Ensino Fundamental e Médio.** Universidade Estadual de Maringá, 2008. Disponível em <<https://pt.scribd.com/doc/297346099/Sons-Alternativos-Na-Educacao-Musical>> Acesso em 28 de julho de 2016.

DEL-BEN, Luciana. **Sobre os sentidos do ensino de música na educação básica: uma discussão a partir da Lei n. 11.769/2008.** Música em Perspectiva, v. 2, n. 1, p. 110-134, 2009.

FOLHA WEB. Jornal Folha de Boa Vista. **Comunicação.** Disponível em <<http://www.folhabv.com.br/noticia/Tudo-pronto-para-o-inicio-do-Intercom-Norte-2016/17887>> Acesso em 28 de julho de 2016.

HENTSCHKE, Liane; DEL BEN, Luciana. Aula de música: do planejamento e avaliação à prática educativa. In: _____. HENTSCHKE, L. DEL BEN, L. (Orgs.). **Ensino de música: propostas para pensar e agir em sala de aula.** São Paulo: Ed. Moderna. 2003.

KEBACH. Patricia (org). **Expressão Musical na Educação infantil.** Porto Alegre: Editora Mediação, 2013.

KEBACH. Patricia. **Musicalização Coletiva de Adultos: O processo de cooperação nas produções musicais em grupo.** Tese de doutorado. UFRGS Porto Alegre, 2008. Disponível em <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/13272/000642435.pdf?sequence=1>> Acesso em 12 de junho de 2015.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico.** 14. edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

PENNA, Maura. Conquistando espaços para a música nas escolas: a solução é a obrigatoriedade? In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 16., 2007, Campo Grande. **Anais...** Campo Grande: ABEM, 2007.

ROCHA, Janaina. **Documentaristas de Roraima criam associação motivados pelo DOC TV.** Agencia Brasil: Empresa Brasileira de Comunicação, 2007. Disponível em <<http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2007-04-22/documentaristas-de-roraima-criam-associacao-motivados-pelo-doc-tv>> Acesso em 28 de julho de 2016.

SILVA, Marcos Vinicius Ferreira da; RODRIGUES, Gonçalves. **Música e Tecnologia: O Uso da Tecnologia na Educação Musical**. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Vale do Rio Verde, Três Corações-MG. 2011.

SOUZA, Jussamara (org). **Aprender e ensinar música no cotidiano**. 2. Edição. Porto Alegre: Editora Sulinas, 2012.

SOUZA, Jusamara (org). **Música na escola**. Porto Alegre: Tomo Editorial. 2012.

SWANWICK, Keith. **Ensinando música musicalmente**. Tradução Alda Oliveira e Cristina Tourinho. São Paulo, editora: Moderna, 2003.

TARSO, Roger; MORAIS, Daniela Vilela de. **Rotas Alternativas de Aprendizagem: Uma ferramenta para o ensino instrumental**. Universidade Vale do Rio Verde 2011. Disponível em <https://www.academia.edu/5932399/Rotas_alternativas_de_aprendizagem_uma_ferramenta_para_o_ensino_instrumental> Acesso em 08 de Junho de 2015.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA. **II Semana Acadêmica do curso de música**. 2015. Boa Vista, 2015. Disponível em <<https://UFRR.br/sacm/>> Acesso em 28 de julho de 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA. **Intercom 2016**. Boa Vista, 2016. Disponível em <<http://www.intercomnorte.com.br/#!noticias/c1ck7/page/1>> Acesso em 28 de julho de 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA. **Programação da II Semana Acadêmica do curso de música**. Disponível em <<https://UFRR.br/sacm/index.php/programacao>> Acesso em 28 de julho de 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA. **Projeto Pedagógico do Curso de Graduação Em Música**, 2015. Boa Vista, 2015.